

Dois poemas de Bai Juyi¹ reimaginados em português

Maurício Arruda Mendonça

Resumo: *O presente artigo apresenta traduções de dois poemas do poeta chinês Bai Juyi para o português, realizadas por Maurício Arruda Mendonça aplicando-se a metodologia proposta por Haroldo de Campos, poeta, ensaísta, o mais importante tradutor de poesia sino-brasileira.*

Palavras chave: *Poesia Chinesa; Bai Juyi; tradução; português.*

Para Isadora e João Pedro

Apresento aqui minhas traduções ou **reimaginações** de dois poemas do poeta chinês Bai Juyi (772-846). Meu contato com a poesia de Bai Juyi se deu por via indireta, quando realizei estudos sobre poesia e estética japonesas, particularmente na leitura das obras de R.H. Blyth. O enfoque japonês sobre os poemas de Bai Juyi, que privilegia o registro poético de estados de espírito, o **satori**, a iluminação zen-budista; a compreensão dos efeitos das estações sobre o corpo; além da notável sensibilidade para materialidade dos fenômenos, o que poderíamos chamar de “visão da transcendência na imanência”: calores de verão, céus azuis de outono, folhas caídas no jardim, jeitos de chuva, diferenças sutis de luas – percepções estas que informavam a mente dos poetas praticantes do **Haiku**, o poema conciso japonês.

Desde logo não me contentei em somente ler as traduções dos poemas de Bai Juyi para o inglês. Ambicionava arriscar-me a verter alguns poemas do grande poeta para nosso idioma. Desejava, por meio da tradução, perceber as articula-

1 O poeta também é conhecido no ocidente como Po Chü-I e no Japão como Hakurakuten.

ções de seu pensamento poético, conhecer suas imagens e temas com alguma propriedade. Tendo estudado por um período a língua japonesa e familiarizado com aspectos dos **Kanji** (Ideogramas) e do **Shodo** (Arte da Caligrafia), passei ao estudo da obra de Haroldo de Campos, o único tradutor que se dedicava à poesia da China. No campo da língua fui atraído pela surpreendente liberdade gramatical do chinês clássico, mas “com poemas organizados em rigorosos critérios métricos e prosódicos, numa língua-música dotada de quatro tonalidades” (2009, p. 97).

De fato, pode-se afirmar que a tradução de poesia chinesa no Brasil, conquanto escassa e muitas vezes realizada a partir de línguas ocidentais, teve avanço significativo com as contribuições de Haroldo de Campos², a partir do final da década de 1960. Além de introdutor de teorias seminais como as de Walter Benjamin, notadamente *A Tarefa do Tradutor*, Haroldo de Campos foi responsável pela discussão profunda da poesia e da estética chinesas em livros como *A Arte no Horizonte do Provável* (1969); *Ideograma: lógica, poesia, linguagem* (1977); *Escrito sobre jade – poesia clássica chinesa* (1996/2009) e *O arco-íris branco* (1997). Como um dos integrantes do movimento de Poesia Concreta, Haroldo de Campos foi também responsável pela disseminação no Brasil das reflexões teóricas do poeta e crítico norte-americano Ezra Pound (1885-1972), dando especial destaque ao exercício da **crítica via tradução** e à publicação por Pound do ensaio *Os caracteres da escrita chinesa como instrumento para a poesia*, do filósofo e orientalista norte-americano Ernest Fenollosa (1853-1908).

No ensaio de abertura do livro *Ideograma*, Haroldo de Campos invocava Pound salientando a advertência do norte-americano de que o ensaio de Fenollosa não era uma mera discussão filológica, mais acima de tudo um estudo de **fundamentos da estética**. E Campos arrematava a questão ao afirmar que “um dos alvos primeiros do ensaio de Fenollosa é a **tradução de poesia**, entendida como operação re-criadora.” (1987).

Ao relacionar as intuições de Fenollosa aos conceitos de Roman Jakobson, comparando os “harmônicos visuais” ideogramáticos do norte-americano à “função poética” do linguista russo, Campos encontrou uma práxis e aplicou-a às suas traduções do *Shi jing* [Livro dos cantares] (1100-771 a.C), de Wang Wei, Li Bai, Du Fu entre outros. Suas técnicas de tradução ou, como dizia ele, de **transcrição** ou de **reimaginação** da poesia clássica chinesa em português, baseavam-se,

2 Haroldo Eurico Browne de Campos (1929-2003) foi poeta, tradutor, ensaísta e professor emérito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Ao lado de seu irmão Augusto de Campos e de Décio Pignatari criou o Movimento de Poesia Concreta a partir de meados dos anos 1950, o qual influenciou a literatura e as artes brasileiras da segunda metade do século XX.

sobretudo, nas conquistas da poesia moderna e na radicalização das lições de Ezra Pound em seu livro *Cathay* (1915). A respeito de seus critérios de trabalho explicou Haroldo de Campos:

Num ensaio do início de fevereiro de 1969 (coligido em meu livro *A Arte no Horizonte do Provável*), propus, inspirando-me nas ideias de Fenollosa e Ezra Pound, mas recorrendo também a outras fontes (Yu-Kuang Chu, E.H. von Tschärner, R. Jakobson, W. McNaughton), os seguintes critérios de trabalho: *a)* exame do texto original, com auxílio de versões intermediárias; *b)* estudo dos principais ideogramas, para desvelar neles, dentro das balizas semânticas lexicalizadas, o casulo metafórico, etimológico-visual, suscetível de aproveitamento poético; *c)* manter a concisão sintática e o característico paralelismo; *d)* tirar partido dos recursos tipográficos de espacialização na página, usando, inclusive, de modo sistemático, composição em caixa-baixa. (2009, pg. 98)

Seguindo esses critérios de Haroldo de Campos aventurei-me nas traduções de Bai Juyi. Sem me deter no componente sonoro e musical do original, mas dispondo de versões intermediárias em língua inglesa, ative-me ao estudo dos componentes dos ideogramas, valendo-me especialmente das análises de L. Wieger em seu *Chinese Characters* (1965). Apesar de não conhecer a língua chinesa, dediquei-me àquilo que mais me apaixonava, a leitura e interpretação etimológica e visual dos ideogramas, valendo-me da liberdade do chinês clássico, essa língua ideal para poesia. Omito aqui, por exiguidade de espaço, a discussão minuciosa das soluções de tradução de cada verso dos poemas de Bai Juyi, mas submeto-me ao crivo dos leitores que dominam o chinês e o português, esperando que as reimaginações aqui apresentadas possam ter relevância para o diálogo entre as literaturas chinesa e de expressão portuguesa.

Informo, por fim, que os poemas de Bai Juyi foram grafados à ocidental (conforme consta do livro de R.H. Blyth), pelo calígrafo japonês radicado no Brasil, Shinshiti Minowa, amigo de saudosa memória. Agradeço a Jacqueline Sasano pela colaboração nas “desmontagens” de cada ideograma dos poemas originais apresentados.

vida em retiro : último outono

lugar ermo : nenhuma pegada
de poucos me despeço : na entrada

dedos do poente : medito a sós
o coração rebrota : degustando a paz

jardim pleno : sem varrer : outono
na mão sopeso : galho de glícínias

em retiro : tantas folhas secas
piso minhas lembranças : ecos amarelos

晚秋閑居
地僻門深少送迎
披衣閑坐養幽情
秋庭不掃携藤杖
閑躡梧桐黃葉行

ouvindo insetos

escuto no escuro : ocultos entre rochas :
insetos entretecem seu sussurro :

envolto em névoa e sombra : promete pura chuva :
deseja o céu : outono :

o coração desfolha : ardendo :
esse silêncio intenso : devo dormir : sem sono :

sussurros se insinuam : perto : mais perto :
eu permaneço : erva ceifada antes do tempo :

聞蟲
闇密蟲唧夜綿綿
況是秋陰欲雨天
猶恐愁人暫得睡
聲聲移近臥床前

Referências

BAI, Juyi. *Apud* BLYTH, R. H. *Haiku*. Volume One: Eastern Culture. Tokyo: The Hoku-seido Press, 1981, pp. 62 e 407.

CAMPOS, Haroldo de. “Ideograma, anagrama, diagrama: uma leitura de Fenollosa”. In: CAMPOS, Haroldo (org.). *Ideograma – Lógica Poesia Linguagem*, tradução de Heloysa de Lima Dantas. Organização de Haroldo de Campos. São Paulo: Editora Cultrix, 1986.

_____. *Escrito sobre Jade – Poesia Clássica Chinesa reimaginada por Haroldo de Campos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MATHEWS, R. H. *Chinese-English Dictionary*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, s/d.

WALEY, Arthur. *The life and times of Po Chü-I*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2011.

WIERGER, L.,S. J. *Chinese Characters*. Nova Iorque: Dover Publications, 1965.